

D. JOÃO DE JAQUETA = REALISMO A MODA DA CASA

JANETE GASPAR MACHADO*

Em 1887 o Jornal do Comércio inicia a publicação do folhetim **D. João de Jaqueta**. Quase um século depois, como resultado dos movimentos que visam ao resgate da memória cultural do país, especialmente do Estado, a mesma obra vem a público, pela primeira vez em forma de livro, trazendo um excelente trabalho de introdução e levantamento biobibliográfico, feitos por Carlos Jorge Appel e Iaponan Soares, respectivamente.

Horácio Nunes, apresentando seu folhetim ao público, justifica seu estilo: "Escrita em uma linguagem sem arrebiques escolhidos por aturada compulsão de dicionários, sem frases barulhentas e pretensiosas, sem figuras retumbantes de retórica, isto é, numa linguagem ao alcance de todas as inteligências, a presente novela não tem por fim assumir lugar distinto nas bibliotecas, mas só e unicamente facultar ao público algumas horas de distração" (D. João de Jaqueta, p.23).

A leitura do livro confirma a objetividade referida, permitindo pensar nele como uma obra que, a exemplo de outras, no período romântico, adquiriram especificidade em relação à estética vigente, tornando-se anunciadoras da tendência realista que, a seguir, se consolidaria.

*Mestre em Letras - UFSC.

D. João de Jaqueta constitui-se numa surpresa: verifica-se que, na antiga Desterro, dominada pelo culto à estética romântica, havia lugar para uma visão objetiva dos aspectos sociais.

A abordagem de costumes, envolvida no clima do humor e da sátira, possibilita o tratamento mais realista do meio, favorecendo a elaboração imparcial das personagens e a dissolução das tensões e idealizações românticas. Isto porque a preocupação maior é com a caracterização de tipos humanos, mais do que com o seu desvendamento. As personagens interessam na medida em que contribuem para a evolução dos acontecimentos e para o questionamento de algumas reivindicações sociais. Sustenta-se, assim, a objetividade na abordagem aos costumes do lugar e da época.

Mesmo o folhetim, com suas peripécias, digressões, crises psicológicas e conclusões morais, fruto do Romantismo, é o molde estético que serve aos propósitos realistas do texto. A ele são enquadradas as cenas do ilhéu florianopolitano da segunda metade do século XIX.

As peripécias folhetinescas, que não são abandonadas na estruturação de **D. João de Jaqueta**, colocam em cena personagens que incorporam o conflito básico do texto. Aparentemente situado entre a cidade e o interior (roça), na verdade o conflito é um claro debate acerca das vantagens intelectuais das personagens que têm acesso à escola e das condições de inferioridade das personagens à margem da escola. De um lado Rosalina e Juca (D. João de Fraque) que somam, à sua experiência escolar, uma experiência urbana. Do outro lado, Serafim (D. João de Jaqueta) e os demais pretendentes à mão de Rosalina, personagens limitadas ao espaço, sem privilégios intelectuais, da roça. Inclui-se aqui o Professor Pantaleão, que sobrevive de frases bombásticas, metáforas cômicas, tornando-se o tipo que representa a falsa intelectualidade e a demagogia verbal.

A propósito de Pantaleão cabe lembrar a peculiaridade de sua linguagem. É marcada por construções aparentemente bem elaboradas mas que, no contexto em que são empregadas, despertam o efeito humorístico, posto que servem para colocá-lo em situação ridícula: "... olhar de águia, olhar capaz de incendiar

uma cidade, de reduzir a cinzas um império, em suma, um olhar petroleiro!..." (D. João de Jaqueta, p.78).

Presente numa amostra da capacidade oratória, este trecho pretende ser parte da descrição que Pantaleão faz de si mesmo.

É em torno deste jogo cidade e roça que as personagens vão adquirindo consistência como espécies de produto do meio social, agindo, pensando e falando de acordo com a formação adquirida. São caricaturas que surgem falando erradamente e de aspecto físico tendendo ao grotesco, exceto Rosalina e Juca. Sua ação não só efetiva a evolução do enredo dentro dos padrões convencionais da lógica temporal e causal, mas também garantem a objetividade e o realismo destes aspectos, conferindo-lhe, inclusive, o estatuto de documento histórico. É um texto propício à pesquisa de costumes e de linguagem popular da época, uma vez que há a descrição fotográfica de festas, costumes e o diálogo, o discurso predominante, é transcrito foneticamente quando interessa à melhor caracterização das personagens.

A temática central do texto adquire consistência na ação de Rosalina, cuja crise sentimental a leva a enredar-se nas peripécias que ela própria estimula, tendo em vista seus inúmeros flertes. Trata-se do questionamento do sistema familiar patriarcal, flagrado em um momento crítico, posto que sugere um dado capaz de bloquear sua capacidade de comandar os destinos das minorias, especialmente da mulher. Este dado nada mais é do que a educação escolar.

Rosalina, destaca-se entre os demais actantes como catalizadora e condutora da ação. Pode ser tida como elemento intermediário entre a cidade e a roça, entre a cultura e a incultura: tem experiência escolar e urbana e hábito de leitura, mas, pelos vínculos familiares, está limitada ao espaço físico da roça. Semelhante aspecto faz com que ocorra uma identificação entre Rosalina e as demais personagens rurais, permitindo uma aproximação que as torna participantes da reivindicação maior do texto: educação escolar para todos os segmentos sociais.

O desempenho da personagem feminina impõe a reflexão sobre a condição da mulher enquanto submissa à ética familiar patriarcal. Mas, ressalta a importância da escola, enquanto solu-

ção para a marginalidade feminina, e, por extensão, para a marginalidade dos que, de uma forma ou de outra, estão à mercê dos detentores do poder intelectual, econômico e político.

Porém, superando as limitações femininas, usando seus atributos intelectuais, Rosalina apenas escolhe o homem por quem deseja ser escolhida. Daí o paradoxo do texto: a ação que determina o desfecho favorável aos propósitos da personagem feminina, mesmo sendo planejada por ela, é executada pelas personagens masculinas. Assim é que, o poder patriarcal, deixando-se corroer em suas bases, é preservado em sua aparência.

Neste sentido, o livro de Horácio Nunes acata a estética romântica, conforme verifica Carlos Jorge Appel no estudo anexo à obra.

A conclusão moral, outro componente do esquema narrativo folhetinesco, surge recheada de propósitos de crítica e de apelo às modificações sociais, dando seguimento à abertura do espaço narrativo para as tiradas de humor e sátira. Visa a ambições políticas de líderes rurais (Anacleto), cercados de bajuladores (Pantaleão) que lhes cultivam a vaidade, ao mesmo tempo que usufruem de sua tendência a ostentar posses com finalidades eleitorais. Visa à constatação de que educação escolar é indispensável à superação de defasagem entre comunidades rurais e urbanas. É o que se constata no desempenho das personagens tipificadas como rurais: grotescas, ingênuas, ridículas. Sempre perdendo espaço para as personagens urbanas, por sua vez ardisosas, com uma visão mais lógica e mais abrangente acerca dos problemas. Diante do contexto assim elaborado, destaca-se a ironia do título: uma narrativa que mostra a inferioridade da situação cultural de comunidades rurais, traz, por título, a nomeação pejorativa atribuída ao perdedor: "D. João de Jaqueta". Consolida-se a sátira e a crítica.

Todavia, a despeito do valor do texto, especialmente como parte constituinte de um processo de auto-afirmação intelectual catarinense, observa-se em D. João de Jaqueta caracteres que sugerem a influência da obra teatral de Martins Pena.

Em plena vigência do ultra-romantismo, Martins Pena impõe-se com textos de evidente gosto realista, construídos a partir da exploração do humor no tratamento a temas brasilei-

ros urbanos e rurais. Viveu entre 1815 e 1842. É criticado pela falta de profundidade, de psicologia individual e social. Entretanto, admite-se que a superficialidade de seus trabalhos decorre do público visado. Assim como também se reconhece a originalidade e a criatividade de seu teatro.

Não se pode determinar, com precisão, os limites da interferência de Martins Pena em Horácio Nunes, sem um estudo comparativo de suas obras. O que se observa é que, quarenta anos após o desaparecimento de Martins Pena, um escritor limitado ao espaço catarinense, oferece ao público um **D. João de Jaqueta**, onde se constata uma identidade de temas, de preferência pelo tom humorístico, de dicotomia homem rural, homem urbano, de agilidade na montagem de cenas curtas, de construção de personagens tipos, de diálogos objetivos e bem humorados.

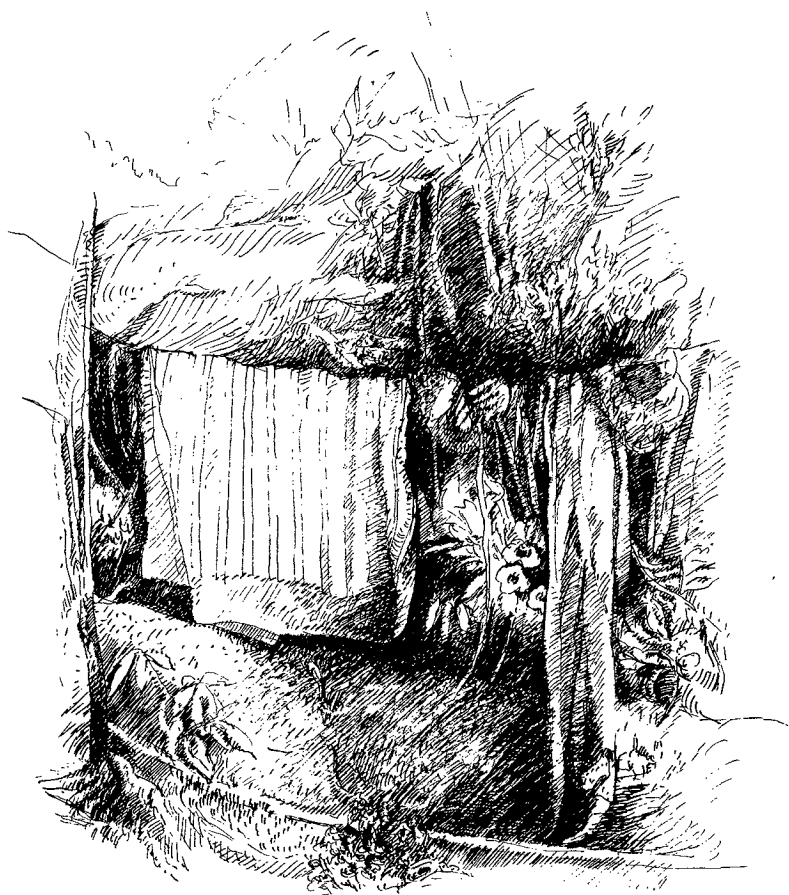
A literatura produzida em Santa Catarina, desde o seu princípio até a emergência do Grupo Sul, salvo raras exceções, não mantinha, por razões que os historiadores e críticos locais explicam sobejamente, intercâmbio ativo com o restante do país. Delineiam-se, então, peculiaridades que marcam o início do pensamento intelectual do Estado. Ou seja, o acompanhar do traçado estético da literatura produzida no país, na medida em que toma conhecimento dele, resulta a produção, sempre tardia, de versões locais de originalidade suspeita, das correntes inovadoras.

Ainda que persista a evidência de tais colocações, num cenário intelectual em que a imitação e o plágio são considerados força motriz da produção estética, **D. João de Jaqueta** ainda resguarda-se como um objeto concreto que reflete as condições do meio e é testemunho de seu tempo, permitindo que se capte a natureza da sensibilidade artística e das condições intelectuais da época.

Assim, reonhecido o seu mérito, ao menos como registro de costumes e linguagens, mais importante do que constatar a possibilidade da presença de outros modelos estéticos é perceber que o autor, a partir de recursos estruturais românticos, antecipa, no seu espaço, condições para a reflexão objetiva sobre o real. Aplica os meios artesanais disponíveis para ver, de modo crítico, o peculiar e o pitoresco, numa linguagem espon-

tânea e verossímil.

O próprio Horácio Nunes não acredita que seu livro possa transcender ao seu tempo. Entretanto, **D. João de Jaqueta** é o que pode ser: um livro vinculado ao seu espaço e ao seu tempo. E isto basta.



JANDIRA — Desenho